

DOM GRÉA
1828-1917



DOM ADRIEN GRÉA
FONDATEUR DES CHANOINES RÉGULIERS
DE L'IMMACULÉE CONCEPTION

de
Mons. Félix Vernet
Resumo e tradução: pe. Tino Treccani - CRIC
do Seminário S. Mônica

CAPÍTULO I

OS PRIMEIROS ANOS (1828-1856) - DO NASCIMENTO ATÉ O SACERDÓCIO

I. Lons-Le-Saunier e Besançon (1828-1845)

Marie-Étienne-Adrien Gréa nasceu a Lons-le-Saulnier, no dia 18 de fevereiro de 1828. Foi batizado no dia 27 de fevereiro, na igreja dos “Cordeliers”.

Seu pai, Desiré-Adrien, era advogado, deputado no tempo de Luis-Filipe, depois membro da Assembléia nacional em 1848. Sua mãe era Claudine-Françoise-Lucie Monnier. Os dois pertenciam a duas das melhores famílias do Jura.

Em 1834, seu irmão Charles, após uma forte xingada do pai, fugiu num mato e pegou uma congestão pulmonar, morrendo logo depois.

O pai, sem consolo, entregou a educação dos filhos para a mãe. A senhora Gréa, mulher de uma boa cultura e muito piedosa, cumpriu bem sua tarefa de educadora. Não foi fácil.

Adriano era um menino charmoso e... terrível. Vivo, brilhante, petulante, freqüentemente brigava com seu irmão Emmanuel, mais novo de um ano. A luta acabava várias vezes em boxe. Para ter liberdade de soltar golpes, começava-se trancando a porta do quarto onde acontecia a luta.

Adriano causava o desespero do pe. Guillaume (Guilherme) que o acolhia no presbitério de Frontenay: ele corria pelo jardim, pisava na grama e devastava tudo. Apanhou bastante castigos no colégio. Escrevia rápido e não se preocupava da caligrafia.

Os dois irmãos cursaram como externos, inicialmente a Lons-le-Saulnier e, após a primeira eucaristia de Adriano (1840), a Besançon, onde a família tinha-se mudado. Um leigo dedicado foi o preceptor deles.

Também, Adriano conseguia sucessos na escola. Tinha um espírito ágil e penetrante; era muito bom de memória. Gostava de desenho e de música; mas dava mais tempo aos estudos; parece que já sentia o apelo ao sacerdócio.

Interessava-se de liturgia: ficava apaixonado pelas missas cantadas, rezava uma parte do ofício divino (a liturgia das horas). No pensamento ele vivia com os bispos e os abades da Idade Média.

Seu diretor a Besançon foi o cônego Caverot, futuro bispo de Saint-Dié e depois cardeal arcebispo de Lyon.

II. Paris (1845-1855)

Em 1845 Adriano está em Paris para preparar a licença em direito civil. É recebido, em 1847, na Escola de paleografia. Conserva o primeiro lugar por três anos e aos 8 de abril de 1850 ganha o diploma de arquivista paleógrafo. Sua tese é: *Essai historique sur les archidiaques* (Ensaio histórico sobre os arcebispos); relata a origem, a evolução e a decadência do arquidiaconato, classificando textos segundo a cronologia e a geografia, diferenciando o Oriente e o Ocidente.

Seus pais exigiam sua participação também nas reuniões mundanas. Obedecia. Também dançava – contará depois – “com todo seu coração, até meia noite”. Depois pedia licença à mãe para se retirar e poder participar da missa e comungar no dia seguinte. Era um prelúdio às mortificações de sua futura vida religiosa. Ele quis ressuscitar os jejuns dos tempos antigos.

Adriano freqüentava o pe. de Ségur que se ocupava da juventude estudantil. Foi um ouvinte de Frederico Ozanam na Sorbonne e um membro ativo da Conferência dos Vicentinos. Com dedicação servia a quantos S. Vicente chamava “meus senhores os pobres”. Esta experiência tocou muito Adriano.

Numa reunião da conferência veio um religioso inglês, falando da conversão de Wiseman e de Newman e dos começos do movimento de Oxford. Adriano vibrava e pensou trazer de volta ao catolicismo a Inglaterra. Mas, por enquanto, precisava aprender o inglês. Mais tarde, na comunidade ele contava de seus professores de inglês e de seu desejo de viver na Inglaterra.

Adriano amava cada vez mais a liturgia; a ensinava aos pobres que visitava; procurava o sentido e a razão dos ritos. Interessava-se pela história da Idade Média, a suas instituições religiosas, pela vida da Igreja, de sua hierarquia.

Prevendo a oposição de seu pai, confiou seu desejo do sacerdócio a Mons. Caverot, a seu preceptor Pierre Petit e ao tio Edmond Monnier. Durante suas férias, visitando a abadia de Baume, perto de Baudin, declarou para o tio que queria ser cônego regular, mesmo sem saber certinho o que isso poderia ser.

Quando achou o momento favorável, Adriano se abriu com seu pai, mas recebeu uma bela de xingada. Adriano não insistiu, mas começou seus estudos teológicos, guiado pelo pe. Eugène Hiron, pároco de Saint-Jacques du Haut-Pas, seu diretor espiritual em Paris.

Não fez cursos de teologia; praticamente estudou sozinho. “Ruminou” a *Suma teológica* de São Thomas de Aquino. Graças a uma pequena herança comprou os volumes da *Patrologia* do Migne. Recurso incomparável para o estudo dos Padres da Igreja.

Finalmente, após muita reflexão e oração, com o conselho de M. Caverot, tentou superar a resistência do pai.

No dia 13 de janeiro de 1856, em Saint Claude, recebeu a tonsura e as ordens menores pelas mãos de Mons. Mabile, bispo da cidade. O vigário geral, M. Marpot, lhe emprestou uma túnica para a ordenação.

III. Roma (1856)

Adriano foi para Marselha e embarcou para Civitavecchia na Itália. Antes de viajar mandou uma carta avisando os familiares de sua decisão de ir para Roma, onde chegou no dia 21 de janeiro de 1856. Ele tinha 28 anos. No dia 25 é admitido como pensionista na abadia de São Paulo fora-dos-muros. Participou dos cursos de teologia na universidade da Sapienza e recebeu o doutorado em teologia.

Mas os estudos teológicos ficavam em segundo plano; ela se preparava para o sacerdócio. Gostava do mosteiro dos beneditinos e da basílica de São Paulo.

No dia 8 de março de 1856 recebe o subdiaconato na basílica de São João no Laterano, pelo cardeal Patrizzì. Aos 17 de maio é ordenado diácono e no dia 20 de setembro de 1856 é ordenado padre.

CAPÍTULO II

BAUDIN (1856-1863)

I. O tempo antes da capelania de Baudin

O bisavó de Adriano, Claude Jobez, em 1783 colocou a Baudin uma fábrica de fundição. O neto Edmond Monnier, tio de Adriano, quis fazer desta usina uma fábrica cristã, onde todos, patrões e trabalhadores, formassem uma só família. E. Monnier conhecia Montalambert e Ozanam e suas idéias em campo social.

Adriano, de acordo com o tio e o cônego Hiron quis substituir a pequena capela por uma bela igreja e ter um padre fixo para Baudin. No projeto ajudou o arqueólogo jesuíta Arthur Martin. Em 1853, Mons. Mabile abençoou a posse da primeira pedra e dia 1º de outubro do mesmo ano consagrou a capela com o título de Imaculada Conceição. Lembramos que o dogma da Imaculada veio no dia 8 de dezembro de 1854, promulgado por Pio IX.

Nas férias de 1854, Adriano preparou o pessoal explicando sobre a liturgia da “dedicação” de uma igreja. Todo mundo gostou da celebração litúrgica, começando pelo próprio bispo. O abade Hiron gostou demais. O pe. Sosthène Poncet foi nomeado capelão de Baudin.

Assim foi aberta uma escolinha clerical. Todos os dias, com túnica, os meninos cantavam a missa e as vésperas. De Paris, Adriano encorajava com cartas. Também escreveu uma pequena regra para os meninos. O bispo de S. Claude, Mons. Mabile aprovou a Regra dos oblatos (*regula puerorum albatorum*) pedindo que fosse lida três vezes durante o ano: na festa do Rosário, dos Santos Inocentes e do Pentecostes, e favoreceu o uso da liturgia romana.

Mas nem tudo era perfeito. Regressando para a França. Mons. Mabile, nomeou Adriano capelão de Baudin.

II. A capelania (1856-1862)

Adriano introduziu na pequena comunidade dos meninos, com formas mais leves, as práticas da vida religiosa: meditação, exame

de consciência, capítulo das culpas, palestras, leituras espirituais, retiro a cada ano, etc. Sobretudo, foi cultivada a liturgia. Todo dia cantava-se a missa e as vésperas. Depois foi a vez da Hora Primeira, das Completas; também, em certas solenidades, o Ofício das Leituras (Matutino). As completas cativavam especialmente os fiéis. Pouco a pouco a túnica de lã branca substituiu aquela preta. Também tinham um manto preto com capuz. Desde 1859 todos vestiam branco, em casa e no passeio.

Os meninos eram 12, como os apóstolos. A partir de 1860 tinha dois grupos de doze: os *oblatos* (os mais novos) e os *mansionários* (a partir dos 15 anos). Estes últimos tinham uma regra especial, toda em latim. Futuramente será a regra dos escolásticos. Isso já faz pensar nos futuros Cônegos Regulares.

Desde 1855 até 1868 tudo vinha sendo registrado numa espécie de livro de Tombo (Diário), escrito em latim. Nele se registrava as admissões dos meninos. Entre eles havia dois maronitas, que se escaparam do massacre no Líbano. Khalil al Schaër se tornou padre.

Liturgia, penitência, trabalho, boa vontade e fervor caracterizavam esta pequena comunidade.

Parece que o projeto dos Cônegos Regulares começou a ser pensado nos últimos oito anos de Baudin.

O recrutamento aumentava, mesmo tendo que mandar embora vários. Também aqueles que pe. Adriano considerava os futuros trabalhadores na congregação, tomaram outros rumos. Por isso, pe. Adriano passou um período de desânimo. E pensava que talvez fosse melhor entrar nos Cartuxos ou numa congregação missionária.

Uma circunstância imprevista o tirou destas dúvidas.

III. Após a nomeação de vigário geral

Em 1858 Mons. Mabile foi transferido para a diocese de Versailles; seu sucessor, Mons. Fillion, foi para Mans (1862) e o substituiu Mons. Nogret. Este gostou muito do Gréa e de Baudin e lhe ofereceu o cargo de Vigário Geral.

Pe. Gréa, muito surpreendido, fez notar sua jovem idade, inex-

periência e seu desejo para a vida religiosa. Mas o bispo lhe disse que seu lugar era a Saint Claude e aí poderia concretizar sua obra. Em maio de 1863 pe. Adriano é Vigário Geral da diocese de Saint-Claude.

A “maîtrise” (literalmente = escola de canto para crianças) de Baudin continuou sua vida de estudo e liturgia com a ajuda de Barbier, Fromond e Morelot. Pe. Adriano a visitava muitas vezes.

Aos 16 de outubro de 1865 a “maîtrise” foi transferida para Saint Claude. Chegando de tardezinha, os 18 meninos (11 oblatos e 7 mansionários) cantaram as vésperas na catedral.

Nenhum desses, nem seus predecessores de Baudin seguiram o Gréa no seu projeto. Mas isso serviu de preparação, de transição para a futura comunidade canonical. Também, pe. Adriano teve a alegria, vendo que 14 meninos de Baudin chegaram ao sacerdócio. Entre eles, seu primo Laurent, filho do tio Edmond Monnier, que faleceu como bispo de Troyes em 1927.

Apesar de tudo, o Gréa não tinha mais dúvidas sobre o objetivo de sua vida. Dizia a seu amigo, o cônego Perrard, superior do seminário maior: “Se for necessário comerei pedras, mas vou fundar os cônegos regulares”¹

¹ Cf. J. GRÉVY, *Dom Gréa*, na revista *La Croix*, 24 de março 1917.

CAPÍTULO III

SAINT-CLAUDE (1863-1890)

I. O tempo de vigário geral (1863-1880)

Alguns tempos após sua nomeação a Vigário Geral, Dom Gréa é recebido pelo papa Pio IX. Ela tinha trinta e cinco anos e o papa o achava mais novo, com vinte e oito anos. Mas gostou dele.

Assim também gostaram do Gréa, seu bispo, seus colegas do bispado e a maior parte dos padres da diocese. Mas sendo muito exigente consigo, também exigia dos outros e comprou assim alguns descontentamentos. Nem todos gostavam de suas liturgias.

Em 1869, Mons. Nogret foi para o Concílio Vaticano I em Roma, como defensor da infalibilidade do papa. O Gréa o acompanhou como teólogo, também convencido da infalibilidade do papa.

Em 1877 o governo francês lhe propôs o bispado de Langres. Mas o Gréa recusou; igualmente em 1879 quando foi proposto para o bispado de Annecy, por meio do ministro Dufaure. Respondeu: «Não tenho a vocação de bispo, mas de ser um bom monge».

Em 1880 o governo iniciou sua política anticlerical. O novo prefeito do Jura, M. Jabouille não gostava que o Gréa secundasse o idoso e doente bispo de S. Claude. Vozes corriam sobre a demissão do bispo e a promoção de M. Marpot, candidatura patrocinada por Jules Grévy, presidente da república e diocesano de Saint Claude.

Mas o pessoal queria Dom Gréa como bispo. Ele não tinha ambição alguma e o tinha bem declarado recusando duas vezes a honra do episcopado. Ele queria M. Perrard, superior do seminário maior; ele almejava mesmo ser fundador de sua congregação.

Cedeu às solicitações dos padres e do Mons. Mermillod, seu amigo e guia, para deixar encaminhar sua nomeação à diocese de Saint-Claude. Mas o ministro Dufaure caiu e Gréa atrasou em dar seu consento. Assim foi bem contente de não ser nomeado bispo.

Mons. Marpot tomou o lugar de Nogret colocando vigários ge-

rais que continuaram o trabalho do Gréa.

No dia 21 de abril de 1880, Adriano Gréa deixou o cargo de Vigário Geral da diocese de Saint-Claude. Assim pude se dedicar inteiramente à maior obra de sua vida: a fundação e organização dos cônegos regulares.

II. Os começos dos cônegos regulares (1865-1880)

Um dia D. Gréa contava: «Precisei caminhar muito, soprando sobre folhas mortas, para encontrar os rastos de nossa regra».

Procurou livros, viajou muito visitando antigos mosteiros para conhecer as tradições da vida canonical.

Em 1865 publicou, em latim, uma brochura que testemunhava o “catolicismo” (universal) de suas preocupações². Como remédio à situação das igrejas do Oriente, Gréa indicava o ínvio de missionários de rito latino e missionários que passassem aos ritos orientais. O segundo remédio era constituir, nos países do Oriente, um clero autóctone, indígena; com o desejo que o clero fosse hierárquico e regular, mais do que secular.

Dom Benoît escreve em 1878: «Nós queremos também as missões estrangeiras. Mas retomaremos o antigo método da evangelização: aquele dos mosteiros. Nosso Fundador recebeu do bom Deus muitas luzes a esse respeito. Segundo a visão dele, o mosteiro é o verdadeiro modo de formar um clero indígena, oferecendo à inconstância dos países infiéis, os socorros da vida de comunidade e dos votos».

E é neste canto do Jura onde profundos vales se misturam com topos majestosos, que Dom Gréa gosta ver o «templo preparado» por Deus para «a santidade de seus servidores», os monges da abadia onde ao seu redor nasceu a cidade de Saint-Claude. De fato, a casa comprada para o berço da nova instituição, era um resto da antiga abadia.

Saint-Claude já tinha uma “maîtrise” que subsistiu simultaneamente com aquela vinda de Baudin. Uma foi chamada “branca”

² *De re catholica apud Orientales instauranda memorialis libellus* auctore Stephano Hadriano Gréa, Paris, 1865, in-8, 16 p.

e a outra “preta” por causa da variedade de seus costumes.

A restauração da vida canonical começou aos 21 de novembro de 1865: dom Gréa e dois colegas iniciaram a prática das observâncias: liturgia das Horas a meia noite, jejuns tradicionais, etc.

Aos 21 de novembro de 1866 pronunciaram os votos para um ano; os renovaram duas vezes, sendo substituídos por aqueles de três anos. A experiência se fazia com prudência.

Apoiado por Mons. Mermillod, em 1870, Dom Gréa pede ao papa Pio IX para restabelecer os cónegos regulares com uma observância estrita tirada das regras de Santo Agostinho e São Bento, solicitando a bênção do papa sobre as pessoas e a obra recém iniciada.

Pio IX deu sua bênção no dia 20 de julho, dois dias após a definição da infalibilidade pontifical.

Aos **8 de setembro de 1871**, os cinco primeiros cónegos regulares: Dom Gréa, Dom Constant Brenier, Dom Louis Ferrey, Dom Modeste Jeunet, Dom Leon Dunoyer, emitiram os votos perpétuos, no oratório da casa, nas mãos do bispo de Saint-Claude que aprovou suas regras.

«Este dia (8 de setembro) é... o aniversário da fundação definitiva de nossa congregação mediante a primeira profissão perpétua de seus religiosos»³.

Aos **8 de abril de 1876**, Pio IX emite o «decreto de louvor» para a nova fundação, pedido por trinta e cinco bispos.

Onze anos depois, aos **12 de março de 1887**, Leão XIII aprovou e confirmou o instituto, adiando a aprovação das regras «para um tempo mais oportuno», mandando que fossem redigidas «de um modo novo e mais completo». O que se pedia era uma refontalização e complementos, não modificações nas observâncias litúrgicas e penitenciais. Em 1876, a Congregação dos Bispos e seculares prescreveu de conformar os estatutos àqueles das antigas ordens dos cónegos regulares: este pedido ficou intacto.

III. A vida da comunidade a Saint-Claude

³ A Dom Cyprien et à «mes chers fils et frères» de Callao, 8 septembre 1908.

1. A COMPOSIÇÃO DA COMUNIDADE

A “maîtrise” branca começou modestamente, mas com fervor. De uma carta de Dom Gréa, datada em Roma aos 3 de dezembro de 1869, indica os nomes, além do professor Samuel Baille, dos “irmãos” Louis, Adam, Modeste, Leon, Constant, Joseph, Edmond e aqueles dos doze “irmãozinhos” ou oblatos.

A «pequena família» cresceu. Aos 3 de janeiro de 1879 compreendia 22 professores, um número menor de noviços, escolásticos e meninos. A comunidade tinha normalmente doze irmãozinhos de dez a quinze anos. Aos 8 de setembro de 1877, Dom Paul Benoît, antigo professor do seminário de Lons-le-Saunier, entrou nos cônegos regulares; outros o seguiram e são: Dom Athanase Desrosiers, da diocese de Moulins, Dom Arsène Blin, da diocese de Paris e em 1889, Dom Augustin Delaroche, da diocese de Lyon.

Logo após a aprovação do instituto por Leão XIII a comunidade de Saint-Claude era assim composta por três pequenas comunidades: os professores, o noviciado e os irmãozinhos.

Os professores eram os professores perpétuos que foram “confirmados”, após uma segunda aprovação de ao menos três anos que seguia à emissão dos votos perpétuos.

O noviciado compreendia os noviços, os escolásticos que continuando seus estudos se preparavam para o noviciado e os jovens professores perpétuos, que ficavam no noviciado até serem “confirmados” definitivamente.

Os oblatos, ou irmãozinhos, também vestiam o habito religioso e ordinariamente eram doze.

No começo de 1887, as três classes de noviços formavam uma pequena comunidade de 28 membros, no meio da grande comunidade que compreendia 60 membros.

2. A LITURGIA

Desde o começo a liturgia teve o primeiro lugar na vida da comunidade.

«A congregação – escreve Dom Benoît – tem como objetivo primeiro a oração pública. Nós cantamos e rezamos em coro to-

dos os dias o ofício todo. Levantamos a meia noite para cantar a Liturgia da Horas (Matutino).

Todos os dias, com exceção dos domingos e das festas, rezamos, em particular, o Ofício da Santa Virgem. Em todas as igrejas em que iremos, procuraremos antes de tudo restabelecer o culto divino segundo as regras da antiguidade e o espírito da Igreja, a associar o povo à liturgia, a expulsar, mais ou menos, das igrejas a música moderna.»

O matutino era cantado a meia noite no oratório da comunidade. Nas vésperas das festas era cantado na catedral onde, todos os dias, se cantavam a missa e as vésperas. Ofício, missa capitular quotidiana ou dominical, missa pontifical, tudo acontecia segundo a plenitude das regras litúrgicas.

Todos tinham a grande tonsura, vestiam sobre a túnica de lã branca e o roquete, a cota (gibão) no verão e nas grandes festas no inverno, e a capa litúrgica de lã preta no inverno e nos dias de penitência.

3. A PENITÊNCIA

Sempre explica Dom Benoît, «a congregação se propõe em segundo lugar em continuar a vida de Jesus vítima, praticando os antigos jejuns e a antiga abstinência do clero. Nós temos a abstinência perpétua, com exceção dos enfermos e de quantos não alcançaram a idade para isso. [...] Depois do 14 de setembro até Páscoa jejuamos: um lanche de oito onças (um prato magro e uma fruta) às 11 horas da manhã; uma refeição a seis horas da tarde. O lanche é menor na quaresma, e a refeição da tarde é às cinco horas. Após a festa de Pentecostes até 14 de setembro, jejuamos na quarta e na sexta feira. Nos outros tempos temos duas refeições, uma às onze horas e a outra às seis horas da tarde⁴.

Mons. Marmillod achava estas mortificações bastante rigorosas; mas o Gréa amava que essas regras fossem defendidas «respeitoso e modestamente» para com o “santo bispo”.

Mas ao que parece, todos gozavam, deste jeito, uma boa saú-

⁴ Dom Benoît ao P. Buette, 13 de janeiro de 1878

de. No conjunto a austeridade da regra se justificava pelos resultados. E ninguém na comunidade foi atacado pela epidemia daqueles tempos, dizia Mons. Marpot.

4. OS ESTUDOS

O estudo foi marcado pela forte personalidade de Dom Gréa. Foi audacioso adotando a *Suma Teológica* de S. Thomas de Aquino como manual de teologia. Desde 1879 Dom Benoît ficou encarregado do ensino teológico. D. Gréa lia Billuart, Sylvius e Suarez, mas gostava mais da *Suma*.

A fim de assegurar esta iniciação com uma filosofia tomista, Dom Gréa redigia e ensinava, desde os começos, um resumo de Goudin; algumas lacunas foram em seguida preenchidas pelo pe. Grévy.

O que se aprendia? É sempre Dom Benoît a relatar.

A filosofia escolástica, a Sagrada Escritura, mesmo não sendo um curso regular e completo, os Salmos, teologia moral, também sem curso completo, a história eclesiástica, gramática e literatura, ciências físicas e naturais, arqueologia e liturgia... E' isso, mesmo sem ter a pretensão que seja definitivo.

Dom Gréa insistia muito no estudo dos Padres da Igreja. Os irmãos teólogos deviam cada ano ler toda a Bíblia. No noviciado se traduzia os tratados que diziam respeito aos vários dogmas. Em 1887 Dom Desrosiers, doutor em teologia substituiu Dom Benoît no ensinamento de S. Thomas e Dom Gréa lhe pediu de inaugurar um curso de patrologia. E queria que todos seus alunos pudessem entender e escrever o latim da Igreja; em matéria de estudo, Dom Gréa era a alma da casa.

5. O FERVOR

De tudo isso resultava uma vida de comunidade cheia de fervor. Dom Gréa estava muito contente, mesmo com o choque da morte do irmão Laurent Gauthier, acolito, acontecida após uma doença de oito dias aos 16 de março de 1882. Aos 8 de junho de 1890 faleceu o pe. Paul Doudoux, em Lyon; com o ir. Laurent era um dos alunos preferidos de Dom Paul Benoît.

IV. Os retiros anuais. Mons. de Ségur e mons. d'Hulst

Os retiros anuais eram um dos elementos do fervor da pequena comunidade de Saint-Claude e eram pregados por pessoas renomadas. Em 1878, 1880 e 1882 foi P. Giraud, missionário de La Salette. Em 1881 e 1884 foi P. Danzas, organizador da província dominicana de Lyon. Em 1885 Dom Romain Banquet, beneditino e fundador do mosteiro de En-Calcat.

Em 1887 veio P. Desurmont, provincial dos redentoristas, que aconselhou e apoiou muito Dom Gréa. Em 1888 foi o P. Alfred Mermillod, capuchinho e irmão do bispo. Em 1889 foi o P. Vautrot, restaurador dos clérigos regulares na Lorena.

Mons. de Ségur pregou o retiro em 1874 e Mons. d'Hulst em 1886. Duas personalidades eminentes da Igreja na França do séc. XIX. Não somente admiraram Dom Gréa, mas apoiaram sua obra.

Mons. de Ségur queria passar em Saint-Claude cada dois anos. Não conseguindo escreveu muitas cartas: quarenta e duas entre 1872 e 1881. Cartas cheias de admiração e encanto pela vida da comunidade. Ao mesmo tempo doava ofertas⁵ a seus «bons pobres» de Saint-Claude. E mandou mudar parte do seu testamento em favor dos cônegos regulares, doando sua capela. Coisa que, de fato, aconteceu.

Mons. d'Hulst gostava do fervor da comunidade e do caráter antigo e monástico da instituição⁶.

Encontraremos Mons. d'Hulst a Saint-Antoine.

Ele também foi muito amigo e confidente de Dom Gréa. A comunidade de Saint-Claude tinha um lugar especial em seu coração.

⁵ Carta de 2 de março de 1880: «Eis aqui uma pequena nota de 500 francos para alimentar vossa magra quaresma e a magra sacola que sustenta o pobre, o querido, o magro P. Gréa.»

⁶ Carta de 20 de julho de 1886: «Estou de fato no paraíso... A fé nos meios aprovados pela igreja fez começar (o superior [dom Gréa]) uma obra impossível e conseguiu. Com os filhos dos trabalhadores na fundição e os meninos da montanha, ele fez religiosos que renovam os exemplos dos antigos monges e levam com alegria uma disciplina julgada impraticável em nossos dias.»

V. O tratado «A Igreja e sua divina constituição»

Em 1885 D. Gréa publicou sua obra *A Igreja e sua divina constituição*. Nela tinha pensado desde o começo dos estudos teológicos. Foi um trabalho que lhe ganhou muitos elogios, especialmente das pessoas importantes.

Na comunidade, o pe. Paul Benoît fez um resumo em latim; um noviço irlandês, sob a direção do mesmo Gréa, começou uma tradução em inglês.

Na Itália, Mons. Lancia, bispo de Monreale (Sicília), que o Gréa conheceu como beneditino, fez uma tradução italiana em dois volumes (Roma, 1904).

Vários teólogos viram nesta obra a mão de um mestre.

O livro do Gréa não é um tratado didático e completo da Igreja, nem um tratado apologético ou de teologia positiva, mas uma contemplação sobre a Igreja, como diziam Mons. Mermillod e Mons. Lancia.

As partes mais interessantes e, na época, novas, são sobre o episcopado (o bispo na Igreja); as igrejas monásticas e o estado religioso; estas escritas por último, mas pensadas por primeiro.

VI. O primeiro priorado: Leschères (1880-1888)

Até agora a congregação não se ocupou do ministério exterior: é necessário ser antes de agir. Mas isso só como um estágio transitório.

Dom Paul Benoît resume assim o pensamento de Dom Gréa e escreve:

“1. A oração pública é o primeiro objetivo de nossa congregação...

2. Em segundo lugar, ela quer continuar na terra a vida de Jesus Cristo vítima, praticando os antigos jejuns e a antiga abstinência...

3. A congregação se destina, enfim a todos os ofícios do clero secular: ter paróquias e em cada paróquia, uma pequena escola de latinidade; ter uma escola primária quando for necessário; ter missões estrangeiras; numa palavra, a mesma tarefa do clero secular;

4. os cônegos regulares, de fato, entram no clero hierárquico e se distinguem só pelos votos religiosos;

5. vivem a vida comunitária nas paróquias (nunca devem ser menos de 3 religiosos)⁷.

Esta é a nota fundamental dos cônegos regulares: um clero hierárquico se diferenciando só do clero hierárquico secular pela vida religiosa. As circunstâncias favoreceram este programa.

Em 1880 estourou a guerra oficial contra os religiosos por parte do governo maçom. A comunidade de Saint-Claude estava em perigo. Mas, pelo momento, só precisou deixar seus costumes e vestir a batina preta. Caso a comunidade precisasse se dispersar, Dom Gréa achava melhor o agrupamento de alguns em vários lugares.

Assim, aos 5 de dezembro de 1880 tomaram posse da paróquia de Leschères, um povoado de 300 pessoas. Iniciava assim o primeiro priorado. Os três companheiros eram: Joseph Cottet, padre; Alexandre Gropellier, diácono; Louis Berteletti, irmão converso. Eles procuravam seguir o plano de Dom Gréa e eram bem quistos pelo povo que dizia: “ temos padres que vivem como nós, comendo batatinha”.

Dom Benoît, escrevia também que era necessário colocar a vida religiosa em contato com o povo da roça.⁸

Mas o priorado durou pouco, porque as eleições municipais de 1888 denunciaram a reconstituição de uma congregação não autorizada. O prefeito M. Jabouille e o vice dele, Pradon, não estavam mais lá; assim a comunidade de Leschères voltou silenciosamente para Saint-Claude.

Mas o experimento deu certo: duas novas casas surgirão na Suíça: Mannens (1883) e Notre-Dame de Fribourg (1885). Outras fundações seguirão, quando a casa mãe de Saint-Claude se transferirá para Saint-Antoine, na região do Delfinado.

⁷ Ao Pe. Buette, 13 de janeiro de 1878.

⁸ Ao Pe. Buette, 26 de dezembro de 1881.

CAPÍTULO IV

SAINT-ANTOINE (1890-1903)

I. A instalação em Saint-Antoine (1890)

Em 1890 a comunidade de Saint-Claude emigrou para Saint-Antoine, na diocese de Grenoble. Por causas que só Deus sabe, como diz o pe. Paul Benoît, o bispo de Saint-Claude, Mons. Marpot, proibiu uma parte do serviço litúrgico que os CRIC faziam (de graça) na catedral; assim Dom Gréa decidiu mudar para Saint-Antoine, na região do Isère, comprando uma parte do antigo convento dos Antoninos (ordem hospitalar, também constituída em congregação dos cônegos regulares de S. Agostinho; em 1775 se juntaram à Ordem de Malta).

Aqui a comunidade pudera retomar suas tradições.

II. A vida da comunidade em Saint-Antoine

Em Saint-Antoine a comunidade tomou seu impulso: vida litúrgica, vigílias, jejuns e estudo. Este tinha um plano de seis anos: quatro de gramática e dois de ciências humanísticas. O estudo do latim era muito esforçado. A distribuição das matérias era bem pensada. Uma parte dizia respeito à Sagrada Escritura e aos Padres. Em todas as aulas, exceto história e matemática, os alunos deviam recitar, de manhã, um versículo do Evangelho e, de tarde, um dos Salmos, ao qual se juntava o versículo aprendido na vigília. Os salmos eram recitados inicialmente em francês, depois em latim e, para os Evangelhos, em grego. Faziam-se muitas traduções dos Padres antigos e dos autores pagãos. Mas o latim era muito estudado.

O estudo servia à oração e os dois contribuíaam ao fervor da vida religiosa. Também o retiro anual alimentava este fervor. Pregadores e visitantes ficavam fascinados com a vida da comunidade.

Mas não faltavam problemas. Dom Gréa sofria pelas defecções tanto dos meninos como dos noviços que não perseveraram, como dos religiosos que se secularizavam. Foi o caso da comuni-

dade de Notre-Dame de Fribourg que Dom Gréa fechou em 1893.

Também houve falecimentos. É o caso do irmãozinho Alexandre Debano, que tomou o hábito aos 13 anos e faleceu aos 25 de setembro de 1892, por causa da meningite. E assim vários outros membros da comunidade.

III. Dom Gréa promovido abade de Saint-Antoine

Mons. Fava, bispo de Grenoble, e Mons. Langevin, bispo de Saint-Boniface (Canadá), sem o Gréa saber, iniciaram as práticas para fazer de Saint-Antoine uma abadia e nomear o próprio Gréa como Abade. O Gréa não estava entusiasta disso, mas concordou. Pelo documento da congregação dos bispos e dos regulares (de 30 de setembro de 1896), aos 7 de dezembro de 1896, o bispo Mons. Fava erigiu em abadia o mosteiro dos cônegos regulares da Imaculada Conceição em Saint-Antoine e designou por abade, dom Adriano Gréa, seu superior geral.

Os motivos disso: o aumento dos membros (após 35 cinco anos de existência, contavam 147 membros e seis casas) sua espiritualidade e amor para com a Igreja.

Dom Gréa recebeu a bênção abacial no dia 8 de dezembro de 1896.

IV. As novas fundações

Além da abadia de Saint-Antoine, temos: Mannens (diocese de Friburgo na Suíça, fundada em 1883); Croix-Rousse (a Lyon, fundada em 1889); Châtel-Montagne (diocese de Moulins), fundada em 1890; Notre-Dame de Lourdes (diocese de Saint-Boniface, no Canadá) e Saint-Ignace de Nominigüe (diocese de Ottawa) fundadas em 1891.

Há outras: Torny (diocese de Friburgo, Suíça, 1897); Lus-la-Croix-Haute (diocese de Valence, 1897) e La Bocca de Cannes (diocese de Nice, 1898).

Em 1899 iniciou aquela de Roma, com procuradoria e casa de estudos. Em 1931 atenderá esta comunidade à paróquia Regina Pacis, no bairro Monteverde.

Aos 6 de junho de 1899 Dom Gréa pregou o panegírico do pa-

droeiro em Saint-Claude e em 1900, com o consenso do papa Leão XIII, o novo bispo, Mons. Maillet, confiou aos CRIC o ofício coral na catedral de Saint-Claude. Imaginemos a alegria de Dom Gréa em rever seus cônegos regulares a Saint-Claude. Em 1903 tínhamos 20 religiosos nesta comunidade.

As fundações do Canadá merecem uma nota especial.

O fundador queria enviar religiosos para o Japão e para a China, mas viu que o Canadá podia ser um centro de irradiação para os países do Oriente e para os vizinhos Estados Unidos. Esta história foi uma pequena epopéia.

Os pedidos para enviar religiosos e colonos vieram dos bispos canadenses (Mons. Laflèche e Mons. Taché, e especialmente Mons. Labelle). Precisava balancear os emigrantes protestantes no oeste canadense.

Aos 7 de julho de 1890 dom Benoît fez a primeira viagem de exploração ao Canadá e parou no Manitoba, na missão de Notre-Dame de Lourdes, no topo da montanha de Pembina.

Aos 9 de abril de 1891 recebeu de Dom Gréa a obediência de fundar um mosteiro maior, com noviciado e todas as instituições das grandes comunidades, em Notre-Dame de Lourdes, na arquidiocese de Saint-Boniface. Dom Benoît, com três companheiros (um padre, um subdiácono e um irmão converso, junto a 30 colonos franceses e suíços, partiram aos 16 de abril e chegaram a Saint-Boniface aos 7 de maio e a Notre-Dame de Lourdes aos 14.

Logo construíram uma igreja e um mosteiro no meio da floresta; mas um incêndio destruiu a igreja e o mosteiro aos 29 de agosto. Sem dinheiro e recurso, mas com o bom Deus e Maria Imaculada e a caridade pública recomeçam. “A prova nos tornará mais fortes fazendo-nos mais humildes e pobres”⁹. Recomeçaram as construções até o inverno e uma mesma casa servia de mosteiro e de igreja. Dom Benoît tinha o gênio dos antigos monges colonizadores da idade média, escrevia Mons. Taché a Dom Gréa (24-1-1896).

Nasceram os primeiros 3 priorados: Saint-Claude (1897, ma já

⁹ Escreve D. Benoît a Dom Gréa, aos 31 de agosto de 1891

atendido desde 1893); Saint-Léon (1899) e Saint-Alphonse (1899). Aos 14 de janeiro de 1900 Notre-Dame de Lourdes e suas três filiais atendiam a uma dezena de paróquias já formadas ou em formação, numa região de 80 km de comprimento por 40 km da largura.

Em 1891 fundaram o priorado de Nominuingue a pedido de Mons. Duhamel, bispo de Ottawa. Nominuingue ficava ao centro da região colonizada por Mons. Labelle. Logo fundaram mais três priorados: Annonciation, Turgeon e Minerve.

Os bispos Mons. Grandin (de Saint-Albert) e Mons Pascal (vigário apostólico de Saskatchewan) pediram a presença dos cônegos regulares. Em 1902 fundou-se Bonne-madone e em 1903 Végreville.

No pensamento de Dom Gréa, estas casas deviam se tornar as casas mães, ao redor delas iriam se agrupar outras filiais.

Lembramos a morte do irmão Théophile Épinard, afogado no Rio Vermelho.

V. A vida nos priorados

Nem sempre foi fácil conjugar o ministério paroquial com os deveres essenciais do instituto. “*Ne quid nimis*”, isto é, nada demais, dizia Dom Gréa e ele via a possibilidade de mudanças compatíveis com o espírito da congregação, diante das necessidades pastorais.

Ele escrevia cartas, dava palestras para resolver as questões incertas, para corrigir e mostrar o ideal da vida canonical.

Este ideal pode ser resumido no seguinte: antes de tudo o louvor a Deus e o culto divino; depois, o ministério das almas no serviço paroquial; enfim, a educação das crianças nas escolas dos oblatos. Um auxílio da vida interior é a penitência. No ministério paroquial, Dom Gréa adverte contra o “perigo da personalidade”: *o padre é a espécie sacramental de Jesus Cristo sacerdote*.

A pregação é outro assunto que Dom Gréa procurava esclarecer: humilde e dócil, bem preparada, simples e pastoral, alimentada pelas Sagradas Escrituras e a tradição, paciente e não ofensiva.

Sobre a educação das crianças insiste em não se deixar tomar

pela impaciência e a cólera; não recorrer às ameaças, mas “falar às crianças a linguagem da fé, da razão e do carinho; usar os castigos com moderação.

CAPÍTULO V

ANDORA (1903-1913)

I. A mudança para Andora (1903)

As expulsões dos religiosos na França não pegaram Dom Gréa despreparado. Há tempo ele pensava onde colocar sua comunidade. Talvez na Inglaterra, na Espanha ou na Suíça.¹⁰

Escreve Dom Benoît: no dia de todos os Santos, o nosso fundador encontrou uma grande casa a 30 km de San Remo e a comprou por 31000 francos. Ela podia acolher sessenta religiosos.¹¹

Aos 14 de abril de 1903 a comunidade mudou-se para Andora (província de Gênova e diocese de Albenga), na vila Cesarina, à beira do mar Mediterrâneo. Nem tudo conseguiram levar para a residência do “exílio”: uma parte da biblioteca de Saint-Antoine foi enviada a Saint-Maurice d’Agaune. Foi uma instalação bastante precária.

II. As bodas de ouro sacerdotais (1906)

O ano 1906 marca o jubileu sacerdotal de Dom Gréa: 50 anos de padre. Ele não quis nada de excepcional. Familiares, amigos de Saint-Claude, cônegos regulares, um grupo de antigos companheiros da Escola de paleografia quiseram lembrar esta data. A missa foi celebrada na capela de Andora, aos 21 de setembro de 1906; outra celebração foi feita a Baudin, na festa do Rosário. Seu primo, Laurent Monnier, fez o sermão, lembrando sua primeira missa a Baudin e falando da obra de Dom Gréa: o padre, como Jesus e com Jesus, é o homem da oração, é apóstolo, é pai, é vítima.

A lembrança do jubileu sacerdotal continha esta palavras:

XXI sept. M.DCCC.LVI - XXI sept. M.CM.VI

†

Ob suscepti sacerdotii

¹⁰ A Mons. Bellet, 6 de janeiro de 1902.

¹¹ Ao pe. Buette, 8 de janeiro de 1903.

*Quinquagesimum anniversarium diem,
Fili, fratres, amici,
HADRIANUM GRÉA canonicorum regularium
Sanctæ Mariæ sine labe conceptæ
Moderatorem generalem, abbatem
Sancti Antonii,
Piis ad Deum suffragiis adjuvate.*

*Maria, Mater pia, sis mihi
Custodia.*

III. A “santa liturgia” (1909)

Várias oportunidades contribuíram para escrever e publicar esta pequena obra sobre a liturgia. Desde 1875 Mons. De Ségur vinha cobrando, não somente o tratado sobre a “Igreja”, mas também um *Curso de Liturgia*.

As Carmelitas de Lons-le-Saunier queriam publicar uma tradução francesa do breviário romano. Dom Gréa e seus filhos colaboraram muito nisso. Os sermões, as palestras que o Gréa fazia, serviram de pano de fundo para este pequeno livro. Ele não é completo nem definitivo, mas instrutivo e rico: dá a compreensão do culto divino, ajuda a seguir a evolução litúrgica e é benéfico por suas expressões do misticismo tradicional.

IV. Os priorados e as novas fundações

Em 1904 Dom Gréa visitou as casas do Canadá que encontrou generosas e fervorosas.

Notre-Dame de Lourdes recebeu o título de casa mãe; ela tinha 35 membros, 5 priorados nas vizinhanças, 2 no Saskatchewan e no Alberta, destinados e se tornarem casas maiores. Uma colegiada se formou a **Nominingue**, com 3 priorados. Ao todo eram 12 comunidades que atendiam a 12 paróquias e uma dezena de missões ou paróquias em formação.¹²

¹² Dom Benoît, *Le jeune Dom Paul Benoît*, p. 25

A Santa Sé pediu a Dom Marie-Augustin Delaroche fundar uma missão, junto a 4 religiosos, em Chachapoyas, no Peru. Dom Gréa acompanha e apóia com muitas cartas.

E' interessante notar como Dom Gréa aconselha elasticidade nas observâncias da regra, especialmente nas fundações; reconhece a vida heróica dos pioneiros e alerta a não perder as forças, isto é, de não tornar a vida mais dura do que na Europa com todos seus recursos.

“Digo isso sem prejudicar as dispensas particulares, que ficam um campo distinto para os indivíduos e para as diversas circunstâncias.”

Na França houve duas novas fundações: Beuvry (diocese de Arras) e Paris Saint-Ouen.

Mas em seguida, Dom Gréa achou bom recusar outros pedidos de novas fundações (Aix, Soissons e Versailles), lembrando o conselho do P. Desurmont: “fiquem concentrados, não dispersados em muitos lugares”.

V. A grande prova (1906-1912)

Dizia Lacordaire: “Se quiserem mesmo saber quanto vale um homem, provai-o, e, se não vos retorna o som do sacrifício, seja qual for a púrpura que veste, virai a cabeça e andai: não é um homem”¹³.

Dom Gréa consagrou sua vida à restauração da vida canonical.

Em 1876 a Congregação dos bispos e regulares, dando o decreto de louvor, ordenou de conformar as constituições àquelas dos antigos institutos dos cônegos regulares (*constitutiones concinnentur quoad substantiam desumendo ex aliqua veteri canonice regularium congregatione*). Neste plano, Dom Gréa se li-gou fielmente à antiga tradição especialmente às congregações de São Vitor, de Saint-Ruf, de Semprigham. Para a vida comum tomou a regra de Santo Agostinho e para a disciplina, de São Bento:

1º A vida litúrgica e o canto do ofício integral, segundo diz São Thomas d’Aquino a respeito dos cônegos regulares: *proprie*

¹³ Lacordaire, 61ª conférence, Oeuvres, Paris, 1861, t. IV, p. 229.

destinantur ad cultum divinum.

2º As abstinências e os jejuns, comuns aos discípulos de S. Bento.

3º Como forma orgânica, o estabelecimento de colegiadas ou casas maiores religiosamente confederadas, das quais dependiam as casas menores, simples observâncias, forma federativa das antigas congregações canonicais, imposta a todos os cônegos regulares pelo papa Bento XII.

Então para o Gréa nada de novo, tudo pertencia à antiga tradição. Esta disciplina não foi proposta a apreciação de cada um, mas cada um a aceitou livremente e integralmente, pelo menos “por aqueles que se sentem chamados e que querem se engajar nela”¹⁴.

O decreto de aprovação encorajava a continuar o que se tinha começado: *pergant igitur in finem sibi propositum magis magisque assequendum incumbere*. No mesmo tempo pedia uma «nova e mais completa redação» dos estatutos submetidos ao exame da Santa Sé.

Uma carta da Congregação dos bispos e regulares escrita ao bispo de Saint-Claude especificava que a primeira redação, um pouco rudimentar, devia ser completada em oito pontos, um dos quais era a finalidade do instituto. Mas não foi pedido modificação alguma, “nem a respeito das observâncias litúrgicas e penitenciais, nem da organização em colegiadas e suas dependências”¹⁵.

Assim Dom Gréa achava que aquilo que considerava a essência da restauração da vida canonical estava definitivamente alcançado.

Mons. Caverot e Mons. Mermillod pediram ao Gréa de não ter pressa. Conselho pouco feliz; ele, um «romano» autentico, um dos mais ardentes defensores da Santa Sé e das prerrogativas pontificias passou a aperecer um que descuidava das atenções das Congregações romanas.

¹⁴ Dom Gréa, *Mémoire*, p. 3-4

¹⁵ *Mémoire*, p. 4.

Emfim, aos 2 de abril de 1906 o Gréa foi para Roma trazendo as esperadas constituições. O trabalho não estava acabado, mas ele estava disposto a dar contribuições e explicações que a Sagrada Congregação pudesse pedir.

Aconteceu que no mês anterior, a casa de Roma, Procuradoria e casa de estudos, situada no Janículo, recebeu a visita canônica prescrita por Pio X para todas as comunidades religiosas. O visitador, Mons. Luigi Morando, bispo de Brindisi, aprovou uns “adoçamentos” significantes para a regra, à revelia do fundador. Logo a Congregação dos bispos e regulares ordenou a visita de todas as casas do Instituto.

O visitador foi o Pe. Raphaël Delarbre d’Aurillac, franciscano, provincial de uma província na França, residente a San Remo (Itália). Juntou-se, para o Canadá, o P. Marie-Colomban Dreyer, provincial da outra província, que residia ordinariamente no Québec.

Os visitantes notaram a dedicação dos religiosos à venerada pessoas do fundador e aconselharam que Dom Gréa continuasse na direção do instituto, ajudado por um conselho. Dom Gréa estava confiante que não precisasse mudar nada. Mas se enganou.

Aos 26 de janeiro de 1907 veio o decreto da Santa Sé que nomeia Dom Agostinho Delaroche vigário geral *ad nutum Sanctæ Sedis*, com o poder de reger o instituto, ajudado por assistentes gerais segundo as prescrições canônicas, sem porem o privilegio da preeminência em favor do Rev.mo Abade Gréa e exceção feita nos casos de fundação e supressão de casas e admissão dos membros à profissão perpétua, nos tais casos deverá ser pedido o parecer do fundador.

Dom Gréa ficou chocado à leitura do decreto. Ele confiava em Dom Delaroche, como fosse “seu braço direito”. O cardeal Ferrata disse-lhe que queria ajuda-lo, dada a sua idade. Mas na prática a “ajuda” tornou-se uma substituição.

Mesmo assim Dom Gréa continuou se iludindo. Ele gostava de Dom Delaroche e sabia que a situação atual do instituto necessitava de forças jovens e comunicava aos confrades do Peru sua alegria por esta feliz notícia (circular de 2 de março de 1907): ten-

do sua residência ordinária em Roma, (Dom Delaroche) abrigará o instituto sob as benções apostólicas.

A ilusão de Dom Gréa a respeito do papel de Dom Delaroche caiu logo. De fato, aos 20 de março, Dom Delaroche envia uma circular, declarando que a Santa Sé lhe «impôs a cruz do superiorato»; que morará em Roma « conforme as regras impostas a todas as ordens religiosas», que será assistido em seu governo por quatro conselheiros.

E parar tirar todas as dúvidas, aos 6 de maio a Congregação dos bispos e regulares declara: «o supremo e único superior, que tem o dever e o direito de governar o instituto segundo as regras do direito, é o vigário geral». Dom Gréa só conservava um lugar de honra.

Mais ainda, Dom Delaroche foi incumbido de corrigir as constituições e de submete-las a um novo exame da Santa Sé.

Não se tratava mais de completar as constituições, *nova et magis completa redactio*, mas de corrigi-las, *emendandis*.

O Pe. Desqueyroux, dominicano, acreditava que a causa de Dom Gréa estava definitivamente comprometida. “O Rev.mo Padre, assim completo, virtuoso, santo, teve o grande erro de fazer um governo muito pessoal; em segundo lugar, demorou demais em apresentar suas constituições à Santa Sé; enfim não levou suficientemente em conta a atual legislação da Igreja. Isso não lhe é perdoado. Juntem a isso as queixas daqueles que acham, a torto e a direito, excessivas as exigências da regra”¹⁶.

Outros motivos de ressentimento contra o Gréa: falta de atenção ao direito canônico, inovações litúrgicas, até mesmo iluminismo e enfraquecimento da inteligência, coisa totalmente infundada, já que o Gréa conservava vigor e clareza de espírito, perfeitos.

O texto das novas constituições, preparado pelo vigário geral e seu conselho, foi comunicado a Dom Gréa. Tinha oito dias para devolver suas observações por escrito. Ele o fez, mas em vão. O

¹⁶ Ao cônego Grévy, 9 de dezembro. Nesta carta o pe. Desqueyroux, ausente de Roma desde seis meses, se refere àquilo que tinha entendido antes de sua partida.

votum do consultor da Congregação, aprovado à unanimidade, qualificou de excessivas, e de retorno mal compreendido à antiguidade cristã, as observâncias concernentes o ofício e o jejum, e de defeituosa a noção do clero paroquial reconduzido à vida canonical e a organização de casas maiores numa congregação com votos simples, como era aquela de Dom Gréa.

Aos 11 de outubro de 1908, o cardeal protetor Vivès, foi na casa de Roma, promulgar as novas constituições, aprovadas pelo papa Pio X e por uma carta circular aos CRIC pediu a observância fiel. Foi a deposição de Dom Gréa.

Quatro anos depois, aos 5 de dezembro 1912, tempo dado para experimentar as novas constituições, elas se tornaram definitivas; só alguns artigos foram corrigidos ou completados. Um segundo decreto, do mesmo dia, nomeou Dom Delaroche superior geral por 12 anos. Aos 11 de fevereiro de 1913, o breve *Salutare máxime* de Pio X deu a esta aprovação definitiva uma forma solene.

VI Dom Gréa diante da prova

Diante da prova falam as cartas de Dom Gréa.

Ao cônego Grévy, aos 24 de maio de 1907 diz: “Minha pessoa e este resto de vida são quantidade negligenciável; mas o que importa é o futuro do instituto, o mantimento do seu espírito e seu objetivo. E’ absolutamente necessária a descentralização, a autonomia local que lhe é necessária e essencial. Espero que deste choque dóido sairá o resultado assegurado”.

Em várias cartas salienta, encara a prova como uma graça, para vencer as tentações da tristeza, da personalidade e coração feridos, das previsões dolorosas. Precisa ter fé em Deus, despojar nossa alma de todas as satisfações pessoais. Deus, permitindo esta prova, parece tenha o plano de cativar a atenção de Roma sobre nosso instituto e sobre seu papel no estado religioso e no serviço à Igreja.

Também vê a prova como uma preparação para morte, como aprendizagem para se desligar de tudo o que passa.

Pediu um apoio ao cônego Grévy e partiu para Roma; não adiantou as novas constituições foram promulgadas aos 11 de outo-

bro de 1908. Recebendo-as, Dom Gréa se sentiu acabado.

Ao cardeal Vivès escreve: «Sua Eminência não pode duvidar de minha submissão; mas não posso lhe disfarçar que pela nova constituição fica abolida, em seus pontos essenciais, a obra pela qual dediquei cinqüenta anos. Retiro-me na oração e no silêncio».

Dom Gréa está convencido que agora sua obra está nas mãos de Deus. Se o grão de trigo não morrer não dará frutos. É este pensamento que o leva a esperar a ressurreição após a morte; a prova será fecunda. Precisa atravessar esta prova!

Mas nem todos os filhos de Dom Gréa imitaram sua constância. Uns deixaram o instituto, onde pensavam não encontrar mais o que tinham votado na vida religiosa e entraram no clero diocesano. Foi o caso de duas casas da Suíça (1907), das casas de Prince-Albert e de Saint-Albert no oeste canadense (1908), do grupo de Nomingue.

Dom Benoît pediu, com o consenso de Dom Delaroche, à Congregação dos bispos e regulares, poder continuar com as antigas observâncias e depender da jurisdição exclusiva do ordinário (bispo). O decreto de 7 de janeiro de 1909 recusou o pedido e proibiu encaminhar outros pedidos parecidos, autorizando quem quisesse não observar as novas constituições, a procurar um bispo benévolo que pudesse recebe-lo em seu clero. Dez religiosos se secularizaram.

Dom Gréa sem cessar de amar seus filhos, nota que agora na mesma comunidade moram dois espíritos diferentes, duas vocações, obrigadas a se manter associadas sob um governo imposto, aceito por uns e suportado por outros. E pede liberdade para aqueles que quiserem, continuar, fora deste instituto, sua antiga vida religiosa, como ela era no tempo do decreto de louvor de Pio IX, da aprovação de 12 de março de 1887 e do decreto de elevação da abadia de Saint-Antoine.

Combatida por uma memória de Dom Moquet, assistente do superior geral, a súplica de Dom Gréa não teve chance.

“Na hora presente só vemos ruínas; mas Deus nos pede uma confiança inabalável; uma fidelidade invencível, uma paciência

perseverante até a hora em que se cumprirá o desenho certo de Deus.

... em toda a Igreja, na Europa, há um movimento profundo, ... no fundo das almas sacerdotais, em direção da vida monástica e religiosa, da vida comum litúrgica e penitente, do clero das igrejas, perto dos bispos e ao abrigo de sua hierárquica autoridade. ... é um Aurora. Apressamos, pela oração e nossa imolação presente, o chegar do pleno dia. ... Amanhã vou fazer 84 anos.”¹⁷

VII. As simpatias para Dom Gréa

Foram muitas as pessoas que amaram Dom Gréa. Entre os religiosos, destaca-se Mons. Sevin. Este lembra a mesma sorte que muitos santos fundadores tiveram: São João Batista de la Salle, São Francisco de Assis, São José Calasanz, S. Alfonso de Liguori, todos rejeitados pelos seus filhos e alguns até cassados de suas congregações pela autoridade e as ordens do papa. E’ hora de dizer: *Fiat! Fiat!* E nada mais. Não se trata de desejar a cruz, mas de aceita-la.

O cardeal Sevin, em 1915 e 1916 tentou por duas vezes em Roma, ajudar Dom Gréa, propondo uma nova obra. Mas sua morte repentina acabou com esta tentativa.

Outro grande amigo foi o cardeal Mercier que Dom Gréa visitou em junho de 1914; o cardeal tinha a vontade de retomar o projeto duma colegiada dos cônegos regulares, logo que acabasse a guerra.

Dom Gréa tinha uma grande estima do papa Pio X. Este, parece (pela carta do Sr. Émile Santona, ao pe. Casimir, 12-07-1912) queria que o Gréa fosse nomeado cardeal de cúria. Para isso tinha encarregado o cardeal Luçon. Mas o Gréa recusou. O mesmo Gréa nunca tinha falado disso, para ninguém; mas não quis levar o secreto dentro do túmulo. Então o mesmo Gréa tinha contado ao Sr. Santona, e este escreveu para o pe. Casimir.

VIII. O fim da estadia em Andora (1913)

¹⁷ A Dom Casimir, 17 de fevereiro de 1912.

Cada vez mais Dom Gréa é distanciado da vida do instituto. Dom Delaroche, parece, acha isto em sintonia com as decisões da Santa Sé. O velho fundador vive uma situação de isolamento e o diz ao Dom Delaroche: *“Devo não procurar mais em você o afeto, a confiança, o coração, o apoio nos quais contava em outros tempos?”*¹⁸

Uns dos primeiros atos do superior geral foi transferir para Gallese a escola dos irmãozinhos. A casa de Andora, já enfraquecida pela transferência para Roma dos escolásticos e dos noviços, tornou-se deserta. Autorizado a voltar para França, Dom Gréa cedeu a casa aos Irmãos Maristas e se retirou a Rotalier.

¹⁸ Carta de 26 de julho de 1908

CAPÍTULO VI

A ESPIRITUALIDADE DE DOM GRÉA

I. A devoção à Igreja

Muitos de seus admiradores o conheceram como o “homem de Igreja”, que se entregou ao serviço da Igreja. Para a Igreja o Gréa professou um amor imenso: “Amar a Igreja!”¹⁹ Durante 30 anos preparou, escreveu, corrigiu um livro: *A Igreja e sua divina constituição*. Vejamos algumas palavras do mesmo Gréa, tiradas do seu livro.

“A Igreja é o mesmo Cristo... é o Cristo total. [...] Nas obras de Deus ocupa o mesmo lugar do Cristo; o Cristo e a Igreja são a mesma obra de Deus”. A Igreja é o mistério de Deus, a propagação do Cristo e nela se cumpre sua plenitude.

A devoção à Igreja é assim a devoção ao Cristo considerado em seu corpo místico. A espiritualidade de Dom Gréa é essencialmente cristocêntrica.

II. O sacerdócio e a hierarquia eclesiástica

Se a Igreja é o Cristo continuado, Ele se continua sobretudo no padre. “O padre é a espécie sacramental de Jesus Cristo sacerdote, como o pão e o vinho são as espécies sacramentais de Jesus Cristo vítima.... [...] O sacerdócio é uma coisa santa”. É necessário ter muito amor para o sacerdócio.

O sacerdócio é hierárquico; para isso Dom Gréa se inspira a Santo Inácio de Antioquia. “Deus é o chefe do Cristo. O Cristo é o chefe da Igreja universal. [...] O Papa é o Vigário de Jesus Cristo, inseparável de Jesus Cristo, um só pastor, um só chefe com Jesus Cristo... com ele é o começo e o fim, o Alfa e o Omega do mistério da Igreja”.

O Bispo é o chefe da Igreja particular e recebe sua missão do Papa. O bispo precisa de colaboradores e são os padres.

“Mas o sacerdócio do padre, é o mesmo sacerdócio do bispo,

¹⁹ A Mons. Bellet, 29 de julho de 1897

um sacerdócio comunicado que vem do episcopado e que coloca os padres na dependência essencial e necessária do bispo”.

Depois fala dos diáconos, ajudantes dos bispos e dos padres, e os ministros inferiores, antigamente chamados de ordens menores.

III. Os cônegos regulares

Dom Gréa sinaliza uma afinidade essencial e original entre o sacerdócio e o estado religioso; afirma que no cenáculo, Jesus, instituindo o sacerdócio, fundou a vida comum de seus padres.²⁰ O estado religioso começou nos apóstolos e continuou em seus sucessores, segundo D. Gréa.²¹ E lembra uma frase de S. Jerônimo: “Tudo o que se diz a respeito dos monges se aplica aos clérigos, que são os padres dos monges”. Para o Gréa os Cônegos Regulares representam o estado primitivo e apostólico dos clérigos.

IV. A oração litúrgica

A oração litúrgica ocupa um lugar especial na vida dos cônegos regulares, porque é a oração da Igreja. Esta, está acima da oração individual e daquela de grupo. Dom Gréa dedicou a vida inteira para esta “liturgia”: celebrações, missas, o ofício divino integral de dia e de noite. Seu fervor encontra-se no pequeno livro *A Santa Liturgia*; aí podemos ver o historiador curioso, o teólogo mas sobretudo, “o asceta que leva tudo a amar nosso Senhor Jesus Cristo”²².

V. A penitência e o espírito de sacrifício

Jejuns regulares, penitência, abstinência e mortificações são encarados como parte integrante da vida do cônego regular e D.

²⁰ Conferência endereçada ao capítulo dos priores (1902), p. 1.

²¹ Aqui, precisamos compreender o entusiasmo de D. Gréa, seu zelo e amor para a Igreja; mas historicamente não podemos dizer que a vida religiosa começa com os apóstolos, mesmo que o estilo de vida apostólica seja fonte e exemplo de vida de comunhão para a futura vida religiosa na Igreja.

²² Cardinal SEVIN, *La sainte liturgie*, p. IX.

Gréa quer retomar a tradição da maioria das comunidades dos CR da idade média. O espírito de sacrifício se concretiza no trabalho, no esforço de vencer e domar o próprio “EU”. É necessário mortificá-lo, domá-lo e fazê-lo trabalhar. *O “amor próprio” é o mundo que está em nós e que combate o amor de Jesus*, - assim diz D. Gréa.

VI. O serviço das almas e a vida interior

Se os CR são homens que querem levantar o estandarte da oração e da penitência, sua obra não tem um “caráter particular”. Fazem penitência e oração pela Igreja, “para o povo”. Sem isso “*não se pode salvar as almas*”²³. Após o serviço a Deus, o segundo objeto da vocação dos CR é o serviço das almas, “*o ministério pastoral entre os povos*”. Dom Gréa pensava no grande campo missionário, fora da Europa, em todos os continentes, para não somente converter, e sim fundar Igrejas, com bispados, cate-drais, ofícios de dia e de noite, instalar os CR e os monges. E a Europa também, precisa de zelo apostólico, mas sem esquecer a penitência e a oração. Não é problema de falta de vocações, e sim de fidelidade, de oportunidades. Dom Gréa insiste em não separar a atividade pastoral da vida interior. Para ele, a Igreja sofre não por falta de atividades, mas porque diminuiu o espírito de penitência e de oração. Oração e estudo da Escritura e dos Padres: o padre deve ser um contemplativo e o será pelo estudo e pela mortificação.

VII. A devoção ao Cristo

O amor a Cristo, como já dissemos, ocupa um lugar central em D. Gréa. Ele não esquece a S. Trindade. Fala do amor de Deus que se encarna no Filho, no Cristo que vive na Igreja, nas almas dos justos, dos santos religiosos. O Cristo veio no mundo para botar ordem, para desalojar o inquilino (o diabo) e fazer sua moradia entre nós. Segundo São Leão, Jesus é para nós “*exemplo e sacramento*”. É o mistério que salva o mundo. Assim devemos imitá-lo

²³ *Conférences*, t. III: *But de l'ordre*.

e amá-lo. E assim é a vocação religiosa: um enlace entre Deus e o homem. Por isso a Eucaristia deve ser o alimento quotidiano.

VIII. A devoção à Santa Virgem e aos santos

A devoção para Nossa Senhora, a Virgem Maria é caracterizada por atos de culto mariano que na congregação aconteciam da seguinte forma:

1º Ofício da Santa Virgem todos os dias, privadamente.

2º Oração da antífona *Inviolata* todos os dias após as vésperas.

3º A mesma antífona era cantada em procissão todo sábado e durante todos os dias do mês de maio.

Dom Gréa diz que devemos nos alegrar para sermos os filhos de Maria, irmãos de Jesus, os Cônegos da Imaculada Conceição.

E por último, no ensino espiritual de D. Gréa, encontramos os santos. Ele prefere os santos antigos, nos quais ele procurava lições e exemplos.

Toda a espiritualidade de D. Gréa está nestas palavras: oração e sacrifício, mediante Maria, para o amor do Cristo e da Igreja, seu corpo místico.

CAPÍTULO VII

O HOMEM E O RELIGIOSO

Pode-se constatar que a espiritualidade do fundador dos cônegos regulares não foi inferior àquela que ensinou mediante a palavra o os escritos.

I. Retrato físico

Ele tinha um rosto fino e alongado; estatura abaixo da média e voz fina. Era um homem brilhante; seu olhar era vivo e espalhava doçura e simpatia; boca sorridente que acentuava a linha do queixo; uma frente ampla e descoberta estralava inteligência. Há muitos retratos e fotos, mas D. Gréa não gostava posar diante de artistas e fotógrafos.

Sua saúde era mais frágil durante a juventude, mas seu temperamento era forte até o fim. Sofria de gota que tornava seus dedos cheios de nós, até o ponto de não conseguir tirar a aliança abacial. Mas apesar de tudo conservava uma rara força física.

II. Os defeitos

Também os santos têm defeitos. Vejamos alguns de D. Gréa. Tinha uma certa rudeza no exercício da autoridade. Consultava pouco os religiosos e não aceitava de bom grado suas observações.

Outras vezes era demais fácil, confiante e diante das provas da traição ficava muito triste, mas não aprendia a lição para o futuro.

Diante dos outros falava excessivamente bem dos membros de sua comunidade. Precisou combater sua tendência à crítica.

Outro defeito foi aquele da ignorância ou do esquecimento de alguns detalhes do direito eclesiástico e da prática dos tribunais romanos da época. Ele era fascinado pela restauração da vida canonical e, para realizar este ideal, se construiu uma alma da idade media, sem levar suficientemente em conta a evolução histórica e a necessidade de adaptar ao seu tempo as instituições antigas.

III. O charme

Todos que o conheceram, concordam que tinha um charme fora do comum. Sabia cativar todo mundo, tanto em casa como os visitantes e hóspedes. Muitos ficavam impressionados pela sua amabilidade, bondade e benevolência. Inteligência, vontade firme e fidelidade nas amizades: eram outras qualidades de D. Gréa. Sabia cativar especialmente as crianças, contando historinhas divertidas, as encontrava na rua, as instruía e as fazia rezar. Naturalmente dava predileção a seus próprios pequenos-irmãos de suas comunidades.

IV. O espírito

Tinha um bom coração; sabia soltar os sérios e se colocar ao nível dos pequenos. Seu espírito profundamente religioso se conjugava com sua erudição. Ele se sentia em casa falando de espiritualidade, das antiguidades cristãs, dos Padres, das Escrituras. Todo ano lia a Bíblia inteira; estudava os Padres, especialmente São Leão; lia muitas vidas de santos e o que lia ele lembrava: tinha uma memória formidável. Conhecia as línguas modernas, até um pouco de inglês. Mas seu coração não era para a erudição, e sim para a vida religiosa.

Parece que Dom Gréa não leu muito no livro da natureza, mesmo que gostasse passeios acompanhando seus noviços. A arte o interessava só a respeito das coisas de Deus. “Antes de tudo visava dar a seus filhos espirituais a inteligência do culto divino e a lhes fornecer, por uma mística sólida e tradicional, os meios de se aproximar às funções litúrgicas com piedade e com amor”²⁴.

V. O coração

Aos 26 de março de 1887, às 3 da madrugada, faleceu a mãe de Dom Gréa. Ele conseguiu estar presente e celebrou a missa para ela, lembrando que a sua mãe foi como uma s. Mônica (mãe de S. Agostinho) para ele e para o instituto. A ela, ele deve sua vocação.

Ele tinha grande amor para com sua mãe e para sua família re-

²⁴ [Dom Delaroche], *La Vie et les arts liturgiques*, juillet 1917.

ligiosa. Isto o descobrimos em muitas de suas cartas. As preocupações, as dores que vivia na comunidade religiosa eram as mesmas que na família. Sofria as distâncias de seus filhos, especialmente aqueles em missão nas Américas. Para eles tinha muita ternura e carinho. Enormes distâncias os separavam, mas ele se sentia estar incessantemente com eles. Ele se abria muito também com as amizades fora de sua família religiosa: eram antigos alunos de Baudin, padres, bispos, outros religiosos. Lembramos especialmente a amizade com o cônego Grévy, antigo aluno de Baudin também, particularmente na hora da grande prova.

VI. A oração litúrgica

O Gréa realizou em sua pessoa o ideal do cônego regular, como o percebeu através dos textos da Idade Média; sobretudo a oração e a penitência foram os dois pilares marcantes em sua vida.

Missa e ofício divino, desde a juventude, estão acima de tudo. Cuidava da integridade e da dignidade do ofício divino; mesmo sofrendo de gota se fazia levar para poder rezar junto à comunidade, de dia e de noite.

Quando visitava os priorados, assistia fielmente ao ofício divino. Dom Blin, testemunha que “o ofício noturno, cantado pela primeira vez a Saint-Claude, aos 21 de novembro de 1865, nunca mais foi interrompido até o ano 1908, quando foram obrigados a adotar as novas constituições.”²⁵

VII. A penitência

O jejum está no primeiro lugar das penitências de Dom Gréa. Não se prevalecia dos méritos de sua família – a mãe era uma grande benfeitora da comunidade – e sabemos do seu heroísmo, especialmente na época da grande prova.

VIII. O apostolado

Tanto como vigário geral e como fundador dos cônegos regulares ele fez muito. A pregação não era aquela de um grande ora-

²⁵ BCRIC., août 1933, p. 6; *Notes intimes*.

dor, mas quando escrevia, usava uma pureza de linguagem, uma nobreza de expressão e uma elegância da frase que davam a seu pensamento uma clareza incrível, como também um verdadeiro charme a sua palavra. Mas seu brilho era nos encontros com seus religiosos. Temos 72 palestras, grupadas em cinco cadernos, por D. Thomas Liaudet, com os seguintes temas: 1. A cléricatura; 2. A vida religiosa; 3. Os cônegos regulares; 4. Os tempos litúrgicos; 5. Os santos.

Os cônegos regulares não são as únicas pessoas e se beneficiaram da palavra de Dom Gréa: foram religiosas e religiosos, igrejas paroquiais e catedrais, noviços e seminaristas que apreciaram as palestras, ou os retiros do Gréa.

IX. A devoção ao Cristo

Após tudo o que falamos nem precisaria lembrar da devoção de D. Gréa para Deus e para o Cristo. É o tema constante de sua pregação e se encontra muitas vezes em suas cartas.

X. A devoção à Santa Virgem e aos santos

Apostolo da devoção à Virgem Maria no meio de sua congregação, Dom Gréa a cultivou pessoalmente com coração filial.

No cabeçalho de suas cartas podia esquecer a data e o lugar, mas não a saudação *Ave Maria*. Pedia a seus filhos de rezar a Virgem para ele, especialmente em suas viagens. Como também venerava e amava os santos.

XI. A fama de santidade

Várias pessoas, dentro e fora da congregação, consideravam Dom Gréa como um santo. Geralmente, eram padres, bispos, cardeais e alguns confrades.

CAPÍTULO VIII

OS ÚLTIMOS ANOS (1913-1917)

I. A instalação em Rotalier (1913)

Dom Gréa se estabeleceu a Rotalier, no castelo de seus sobrinhos, perto de Lons-le-Saulnier. Aos 16 de fevereiro de 1913, escreve ao cardeal Vivès para pedir a possibilidade de morar em Rotalier, junto com um *socius* (um companheiro, e será Dom Michel Biehler), onde seus sobrinhos o hospedaram muito afetuosamente.

Aos 21 de fevereiro de 1913, Dom Gréa recebe a resposta afirmativa do cardeal Vivès. Sua saúde melhorou e no começo de 1914, após ter concluído a entrega da casa de Andora aos Irmãos Maristas, começa a pensar em Rotalier como uma estadia provisória. E pensa em diversos projetos e lugares para se retirar e descansar. Até faz viagens, na França, para Roma, na casa de parentes e conhecidos.

Mas com o começo da primeira Guerra Mundial, se instalou definitivamente em Rotalier.

II. As bodas de diamante sacerdotais (1916)

Os sessenta anos de ordenação sacerdotal, foram um motivo de sua momentânea ausência de Rotalier. Pensou-se aniversariar na abadia de Saint-Maurice d'Agaune, mas a guerra não permitiu, depois a Baudin, mas escolheu-se Saint-Antoine. Aqui ele chegou aos 18 de setembro de 1916, acompanhado por Dom Biehler. Ocupou seu antigo apartamento abacial. No dia seguinte chegou seu primo, Mons. Monnier, bispo de Troyes e alguns cônegos regulares, entre eles, Dom Raux e Dom Delavenna. Testemunhos de simpatia chegaram da América, da Escócia, da Suíça, da Itália e da França. Foi cantada uma missa pontifical; houve uma boa refeição e muitos agradeceram a Deus pela idade e pela vida de Dom Gréa. Ele, durante o dia inteiro, bastante cansativo, não mostrou nenhum sinal de cansaço.

Mas Dom Gréa sentia que o jubileu da velhice era uma alerta

de preparação próxima à eternidade. De fato, cinco meses depois devia responder a este apelo.

III. Os últimos atos

As solenidades de Saint-Antoine se concluíram em Baudin. Aqui voltou para a festa de Todos os Santos, e, apesar de seus 89 anos, presidiu os ofícios e a procissão ao cemitério. Veio novamente para a festa da Imaculada e para o Natal; mas a última vez que esteve em Baudin foi aos 12 de janeiro de 1917, para encontrar o primo Mons. Monnier. Aos 18, alcançou Rotalier e aí ficou. A doença começa a redobrar os golpes; a gota se faz mais persistente. Ele quis celebrar na igreja de Santa Agnes, aos 21, mas teve que assistir; conseguiu fazer o sermão. A gota afetou os joelhos, os pés, as mãos e, a seu dizer, muitas vezes o estômago, com uma dolorida náusea de vômito.

O médico Mermet, de Lons-le-Saunier diagnostica o estado de angústia sintomático das infecções cancerígenas. Aos 2 de fevereiro Dom Gréa celebra sua última missa. Nos dias 3 e 4 ele dita suas últimas cartas. A partir do 7 de fevereiro ele comunga no seu quarto; não receberá a eucaristia só na véspera de sua morte, por causa dos vômitos persistentes.

Até aos 19 de fevereiro não aceita rezar o ofício na cama; mas depois o cansaço se torna extremo. Homem de oração e homem da penitência: não se queixa de sua doença. A irmã enfermeira que o cuidava sempre o via sorridente e contente. Para todos, ele deu até o fim a delicadeza de seu coração.

IV. A morte (23 de fevereiro de 1917)

O Cônego Grévy chegou a Rotalier aos 15 de fevereiro; na mesma tarde lhe conferiu a Unção dos Enfermos. Dom Thomas Liaudet lembra algumas palavras de Dom Gréa: ele tinha grandes tentações contra a fé e a esperança, mas recomendava a seus filhos de ficarem sempre unidos. Aos 18 de fevereiro Dom Gréa aniversaria 89 anos de idade e agradece pela missa celebrada para ele.

Nova crise aguda da doença aos 19, com uma acalmada nos

dias 20 e 21 de fevereiro. Dom Desrosiers lhe impõe as cinza no dia 21. No mesmo dia, a pedido do Pe. Henri Desqueyroux, procurador geral dos Dominicanos, o papa Bento XV concede a Dom Gréa a bênção apostólica: a notícia chegará tarde demais a Rotalier. No dia 22, de fato, o mal domina. E a noite foi muito ruim. As 6 de madrugada, começa a agonia. Dom Biehler reza as orações dos agonizantes, asperge com água benta, apresenta a Cruz para ser beijada e dá a última absolvição. Dom Gréa levanta o braço e acena um pequeno sinal da cruz como bênção. Umbras contrações do seu rosto indicam a iminência do último sopro.

Dom Gréa morre às 7:30 hs da manhã do dia 23 de fevereiro de 1917, festa de São Pedro Damiano, um dos grandes restauradores dos cônegos regulares no XI^o século.

V. O enterro

O enterro aconteceu aos 26 de fevereiro com grande presença de fiéis, mais de 60 padres, alguns deles antigos alunos de Baudin e Saint-Claude, e uma dezena de seus filhos espirituais, entre os quais, Dom Chuard, representando Dom Delaroche. A procissão até o cemitério se estendia por 3 km. Os bispos presentes celebraram a missa: Mons. Monnier presidiu e Mons Maillet (bispo de Saint-Claude) pronunciou a oração fúnebre.

Na pedra do túmulo, simples, foi gravada esta inscrição, em francês:

Reverendíssimo Dom Adriano Gréa
Cônego Regular da Imaculada Conceição
Abade de Santo Antônio
18 de fevereiro de 1828 – 23 de fevereiro de 1917

Capítulo IX

O SUCESSO DE DOM GRÉA

I. A congregação dos Cônegos Regulares da Imaculada Conceição

Segundo uma primeira visão superficial, pode-se dizer que Dom Gréa falhou.

Escrevendo ao card. Vivès disse que sua obra lhe parecia “abolida em seus pontos essenciais” pelas novas constituições, obra a que dedicou toda sua vida.²⁶ Em lugar da ressurreição dos cônegos regulares, o insucesso total parecia o marco de sua longa vida. Mas também grandes santos passaram pela mesma experiência, isto é, um início, aparentemente cheio de fracassos. Veja S. Bento, S. Francisco de la Salle, S. Francisco de Assis, entre outros. Mas analisando mais profundamente o espírito de Dom Gréa persiste. Será que Dom Gréa não achou muito rapidamente ao alcance de todos e como conciliável com as necessidades pastorais atuais, o que ele, Dom Benoît e outros de sua tempra conseguiram realizar?

Roma colocou a questão e julgou que a obra do fundador precisava de sérios retoques. Estes foram introduzidos pelas novas constituições. Precisava assim por remédios ao perigo de dois excessos: de um lado um relaxamento e do outro um zelo amargo e indiscreto; mais ainda, o medo diante do rigor das constituições precedentes e as numerosas dispensas para viver as austeridades. O card. Vivès alertava sobre estes dois excessos.

O que é incontestável, é que, mesmo mitigadas, as novas constituições, longe de se acomodarem no relaxamento, pediam uma grande virtude e davam muito apoio à oração litúrgica e à penitência. É mesmo o caso de falar do espírito e da letra de uma obra.

Quando o pe. Casimir foi nomeado vigário geral do Instituto, o secretário da Sagrada Congregação dos religiosos observou claramente que era necessário fazer observar a letra das Constituições que a Sagrada Congregação tinha sancionado, alegando que

²⁶ *Memoire*, p. 10.

tinha lugar de se fazer observar no espírito de Dom Gréa e que, pelo restante, era louvável seguir as tradições do instituto.

“Cabe a nós, escreve excelentemente aquele que se tornou superior geral dos cônegos regulares, guardar vivamente e brilhantemente, apesar da fórmula reduzida da *letra*, o *espírito* do fundador... Seu espírito deve crescer, e de fato está crescendo em nosso meio...

Dom Gréa, sempre clarividente sobre a natureza da obra que Deus lhe inspirou fazer por meio de graças de opção, não cumpria inicialmente as modalidades pelas quais Deus mesmo, por meio da Igreja, o fazia passar... Mas o ideal estava lá, sempre subsistente, apesar dos decretos da Igreja e as vicissitudes do êxodo (*de jure* os primeiros, *de facto* as segundas) que lhe pareciam ser contrários. Nós restamos cônegos regulares, pela vida religiosa e plenamente sacerdotal; clérigos religiosos, colocados por seu superior à disposição dos bispos para a administração das paróquias e dos seminários... A Santa Sé... insistia, apesar de algumas insinuações contrárias, para afirmar que nossa finalidade principal era para todos aquela do culto divino mediante o ofício e a liturgia; e, depois disso, para aqueles que os superiores, de acordo com os ordinários, os destinariam, aquela de cumprir as funções do clero diocesano. O ideal de Dom Gréa estava salvo; mais ainda, nos era claramente imposto, não pela fórmula primitiva (do época primitivo da Igreja) ou medieval, mas na forma do direito moderno.

E mesmo levando em conta a letra das constituições, precisamos desenvolver as aplicações com base em nosso espírito e nas tradições de nossa ordem, e não pela forma própria das congregações extra-hierárquicas dos missionários.

Conservemos assim em nosso coração o ideal como saiu do coração do fundador, e nas modalidades impostas pela Igreja”.²⁷

Dom Gréa pagou com seus sacrifícios, mas o sucesso de sua obra deu certo. Quantas gerações de cônegos regulares foram impulsionadas por seu espírito, no quadro do direito moderno da i-

²⁷ Dom Casimir, *BCRIC.*, juillet 1937, p. 129-132; cf. juin 1937, p. 105-108.

greja e como floresceu a vida canonical na França, na Itália, na Inglaterra, no Canadá e no Peru!

II. A vida comum no clero

Escrevia o cônego Grévy, após a morte de Dom Gréa: “Podemos prever, em tempos breves, que as necessidades do ministério, levarão os padres, já reduzidos em número, a se agrupar para viver em comunidade, se ajudar para fazer frente assim às tarefas pastorais.”²⁸

Aos 2 de abril de 1916, o card. Sevin, fazendo uma palestra ao seminário francês em Roma disse: “Se vocês não se tornarem santos, serão os coveiros da Igreja da França. Para levá-la ao túmulo, basta um clero honesto; para salvá-la precisamos de santos. E um dos elementos que mais contribuirão à santidade dos padres será esta vida comum que sempre mais se tornará necessária.”²⁹

Sabemos que no clero secular acontecem muitas formas de vida em comum: sociedades comunitárias, sociedades com voto de religião simples e sem uma vida propriamente comunitária, associações simples sem votos nem uma vida comum estrita, etc. Certamente tudo isso não é obra exclusiva do fundador dos Cônegos Regulares da Imaculada Conceição. Mas pelo menos, Dom Gréa trabalhou por uma vida inteira neste sentido e contribuiu para criar o clima propício a estas grandes coisas. Então, mais uma vez, sua obra deu certo!

²⁸ J. Grévy, *Dom Gréa*, dans *La Croix*, 24 mars 1917.

²⁹ *Échos de Santa Chiara*, mai-août 1916, p. 179.